

# Oportunidade perdida em Durban

Direitos Humanos

O GLOBO

07 SET 2001

MICHAEL MELCHIOR

O tema da Conferência Mundial contra o Racismo, a Xenofobia e a Intolerância, em Durban, deveria ser os direitos humanos. Mas o que poderia ter sido um encontro de extrema importância transformou-se numa farsa. Israel decidiu participar da conferência por dois motivos: primeiro, porque o país, assim como o povo judeu em geral, sente a obrigação de estar na linha de frente quando a luta é contra o racismo. Nenhum membro do povo judeu, depois de 2.500 anos de perseguições, pode aceitar ser testemunha passiva frente a tão terrível crime. Assim, temos que estar presentes em qualquer lugar onde o tema do racismo seja debatido, para ajudar a combater todo tipo de dis-

criminação — seja contra judeus, negros ou qualquer minoria.

A segunda razão é que nossos amigos em todo o mundo, da África do Sul, da Europa e de muitos outros lugares, nos pediram para comparecer e lutar, mesmo sabendo que a linguagem de ódio de todos os países árabes estaria presente quando os delegados chegassem. Este documento que está sendo discutido agora em Durban é o documento oficial mais anti-semita já apresentado em qualquer conferência internacional desde a Segunda Guerra Mundial. Ele não é apenas anti-semita. Também é anti-semântico. Ele usa algumas das piores palavras conhecidas pela humanidade — racismo, apartheid, genocídio, limpeza étnica — e, num ato contra a semântica, transforma estes males absolutos, que todos nós deve-

mos combater, numa zombaria.

Somente aqueles que não nos conhecem podem descrever Israel como um país racista. É uma acusação que vai de encontro a tudo que defendemos. E se torna ainda mais absurda quando parte de países como Líbia, Irã e Síria, conhecidos praticantes da intolerância e célebres pelo patrocínio ao terrorismo. O povo judeu tem todas as cores e etnias, de negros a louros. Descendemos de muitos grupos étnicos. Se existe um país que realmente está tentando promover a igualdade e a justiça, mesmo ainda carregando as terríveis cicatrizes do Holocausto, este país é Israel. Descrever-nos como racistas é um blefe, é uma mentira, é uma vergonha.

Vários movimentos fascistas desde a Segunda Guerra Mundial negaram ou minimizaram o Holocausto, para

poder cometer novos crimes contra a humanidade. Este documento da conferência faz exatamente isso. Ele procura reduzir os horrores do Holocausto, fazer zombaria do massacre nazista e, com isso, matar novamente suas vítimas para poder voltar ao velho e odioso anti-semitismo. E ninguém está a salvo da discriminação. O mesmo ato poderia atingir trabalhadores estrangeiros, outras raças ou minorias. Isto é o que este documento faz.

Um elemento básico do combate ao racismo e da luta pelos direitos humanos é a necessidade de ser universal. Caso contrário, se transforma numa terrível arma política, exatamente como aconteceu em Durban, contra Israel. Mais uma vez usa-se a linguagem do ódio, que não leva a lugar nenhum. Até que retornemos aos

trilhos do diálogo, o que está em debate em Durban prejudicará não só o trabalho das Nações Unidas, não só a luta contra o racismo, mas certamente prejudicará a paz no Oriente Médio. Porque é possível fazer a paz mudando a linguagem. É possível fazer a paz enquanto a disputa é territorial. Mas não é possível chegar à paz quando o conflito é transformado num embate existencial, no qual você tira a legitimidade do interlocutor para impor a sua. Infelizmente tivemos que deixar Durban quando vímos que toda esperança estava perdida. Mas não abandonaremos a busca pela paz. Não abandonaremos a luta para que a linguagem da paz substitua a linguagem do ódio.

MICHAEL MELCHIOR é vice-ministro das Relações Exteriores de Israel.